

Anexo 3

Memória Histórica e Artística

Hospital da Roça Diogo Vaz

Projeto piloto REVIVE ROÇAS

Hospital da Roça Diogo Vaz

Projeto piloto REVIVE ROÇAS

(elaborado pela equipa REVIVE Portugal no âmbito da cooperação com STP)

Roça Diogo Vaz - Hospital

História

A Ilha de São Tomé, descoberta a 21 de dezembro de 1470, e a Ilha do Príncipe a 17 de janeiro de 1471, pelos navegadores João de Santarém, Pêro Escobar e João de Paiva, resultou de um período de progressão do período dos descobrimentos, à procura do caminho marítimo para a Índia, ao longo da costa africana. Segundo vários autores, estas ilhas estavam desabitadas tendo sido os portugueses a dar início à sua colonização em 1473. No entanto, foi em 1485 que a Ilha de São Tomé iniciou oficialmente, segundo registos disponíveis, o processo de povoamento. Em 1524 São Tomé e Príncipe foi declarada cidade, através de carta de foral conforme era habitual no Reino de Portugal. O povoamento oficial das ilhas terá principiado no reinado de D. João II, com o capitão donatário João de Paiva.

A vegetação densa, a humidade e as altas temperaturas foram de início uma dificuldade, mas também uma inspiração para a arquitetura que veio a marcar estas ilhas e as culturas que nelas se vieram a desenvolver.

O cultivo da cana-de-açúcar foi inicialmente um dos principais produtos de elevado rendimento. No entanto, as condições climáticas não ajudaram à conservação do açúcar, tendo-se inclusive iniciado, por este motivo, a construção de estufas para a secagem do produto.

A produção de café, tendo tido muito sucesso no Brasil, veio estender-se à Ilha do Príncipe, na antiga Roça Simalô, e mais tarde à Ilha de São Tomé. Cerca de 1852 a produção de café já liderava as exportações deste arquipélago. Em 1855, a cultura do cacau, vinda, igualmente, do Brasil para a Ilha do Príncipe, assume, também, enorme importância em todo o arquipélago (no caso da Ilha de São Tomé através do Barão de Água Izé).

Com o desenvolvimento destas culturas começam a surgir as primeiras roças – estruturas agrárias do café e do cacau em São Tomé e Príncipe, que durante séculos da sua história deram origem a períodos gloriosos de produção agrícola e desenvolvimento económico. A palavra roça significa “desbravar mato”, “abrir clareiras” ou “terreno onde se roçou o mato”. A criação destas estruturas tem algum paralelismo com os engenhos de açúcar e as fazendas no Brasil, que iam alargando a área de cultivo necessária ao mercado consumidor.



Espreilha Roça Diogo Voz, S. Thomé.

O território passou a estar ordenado através de uma rede de células interligadas que pertenciam à mesma companhia agrícola e entre as quais surgiram redes viárias, portuárias e ferroviárias. Por exemplo, a Roça Diogo Vaz na zona de Lembá foi sede da comunicação com o Porto de Espraínha.

A Roça Diogo Vaz, entre outras (como a Roça Agostinho Neto), é um dos maiores exemplos do sistema agrário e social que foi implantado em São Tomé e Príncipe e que marcou a sua identidade.

O programa de uma roça incluía áreas habitacionais, para os administradores e trabalhadores, áreas agro-industriais (secadores, armazéns, etc.) e assistenciais (para educação, saúde e apoio social ou religioso), organizadas em tipologias como roça-terreiro (organizadas em volta de um terreiro), roça-avenida (organizadas segundo um eixo orientador para o qual convergiam as diversas construções e terreiros), roça-cidade (cujo modelo era composto por uma malha de ruas, jardins e praças) ou em alguns casos sem obedecer a qualquer regra.

Assim, as roças possuíam uma casa principal (muitas vezes conhecida pela casa do “patrão”) que, habitualmente, se situava no centro e à qual se acedia através de uma avenida ou do terreiro central. Este era um dos edifícios mais imponentes numa roça, cuja arquitetura de características coloniais se destacava no conjunto, dotado, muitas vezes, de jardins privativos exuberantes e com infraestruturas de grande relevo para a época. Relativamente às características arquitetónicas de relevo destacam-se os desenhos e a geometria dos vãos envidraçados, os beirados com remates trabalhados, os guarnecimentos das varandas, as caixilharias em madeira, os socos, as cantarias dos vãos, as escadarias e outros elementos construtivos característicos da arquitetura colonial portuguesa.

Os edifícios de habitação destinados aos trabalhadores (ou sanzalas) apresentavam-se muitas vezes enfileirados com desenvolvimento longitudinal, com uma volumetria de um único piso térreo, cobertura inclinada em duas águas com telha cerâmica e ausência de infraestruturas sanitárias e água canalizada. As suas fachadas possuíam vãos simples, empenas cegas e estilo arquitetónico rústico.

Entre os edifícios de Serviços Sociais e Religiosos incluíam-se as escolas, creches, hospitais ou centros destinados aos cuidados de saúde, oficinas de carpintaria, marcenaria, mecânica, cantinas para os trabalhadores, igreja ou capelas para os serviços religiosos e lavandarias.

Todas as grandes propriedades roceiras dispunham de postos sanitários e hospitais, sendo que alguns destes hospitais eram de grande dimensão, como no caso da Roça Diogo Vaz.

“A sede da roça Diogo Vaz tem a disposição da do Rio do Douro. Só o seu hospital lhe é superior. Cremos mesmo que é o melhor hospital de todas a ilha. As suas largas e compridas enfermarias com 50 camas bem espacejadas, os seus pavilhões para tratamento, a sua enorme e bem sortida farmácia, onde os facultativos dispensam medicamentos mais caros; a sua sala de operações com todos os instrumentos de cirurgia moderna. Enfim, é um primor este hospital” (*Silva, 2004; p.102 - excerto da carta do Pedro Muralha datada de 23 de setembro de 1924, citado pela Otilina Silva*)

As fachadas dos hospitais possuem características e linguagem arquitetónica que exprimem a nobreza, a funcionalidade, a organização do espaço e um grau de autonomia em relação aos outros edifícios. Obedecem a leis de simetria, alternância, equilíbrio, hierarquia e ênfase de alguns elementos, tais como: as varandas, entradas e escadarias. Estas últimas contribuem

A Roça Diogo Vaz possuía autonomia total e todos os equipamentos disponíveis, à época, inclusive, porto próprio. Organizada em socalcos, possuía estrutura de “comboio”, a que os equipamentos se iam acoplando sucessivamente, com uma grande avenida central (roça-avenida). As sanzalas desenvolviam-se ao longo dos socalcos com terreiros próprios. Nesta roça existia uma total separação entre os edifícios destinados a habitação e os equipamentos (secadores, armazéns, oficinas e hospital).



Fotografia antiga dos secadores de café na Roça Diogo Vaz

A casa principal situava-se na zona baixa e era a única construção da zona habitacional com dois pisos. Tinha uma varanda virada para três frentes, e características arquitetónicas tipicamente coloniais. Este edifício encontra-se nesta data muito bem conservado o que valoriza o conjunto.



Foto da casa principal da Roça Diogo Vaz – abril 2018

O hospital, de grandes dimensões e arquitetura imponente, considerado, naquela época, o melhor de toda ilha, era composto por largas e amplas enfermarias, farmácia, sala de operações e todos os meios necessários de cirurgia da altura. Como era habitual o edifício do hospital está implantado fora dos limites edificados do núcleo central e num patamar elevado.

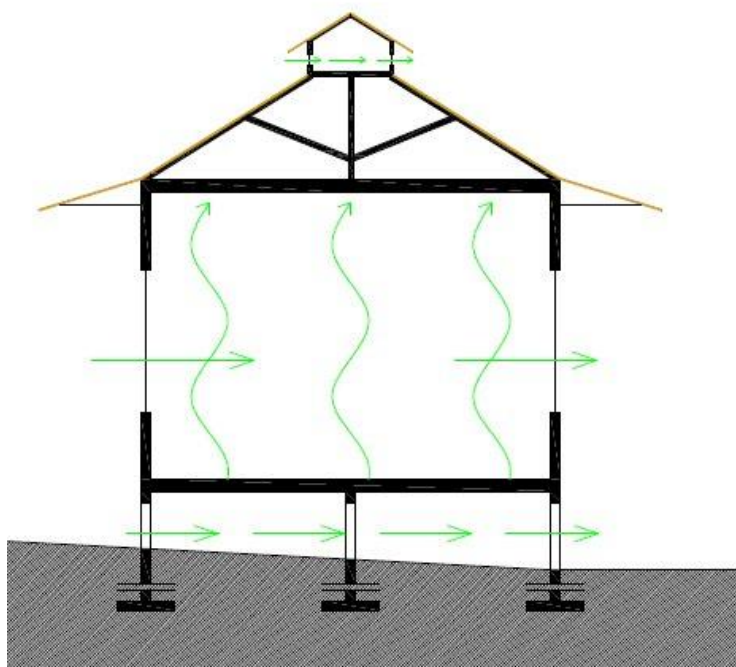
Atualmente, o hospital da Roça Diogo Vaz é um dos exemplares deste tipo de arquitetura que se encontra em melhor estado, sendo que agora funciona, parcialmente, como escola (em apenas uma das alas):



Fotografias do edifício do hospital da Roça Diogo Vaz - abril 2018

(atualmente escola de Artes e Ofícios Diogo Vaz)

Como era comum, situava-se num local elevado por questões de salubridade, sendo, ainda, construído em sobrelevação, a cerca de um metro do solo. Era apoiado em arcos de alvenaria de pedra, de modo a ventilar os espaços interiores e preservar as condições de higiene exigidas, evitando as humidades do solo e afastando os mosquitos e insetos.



Esquema de construção de um edifício de hospital das roças de São Tomé fotos - abril 2018

De planta retangular com um corpo central (de dois pisos) e duas largas e amplas alas (de um piso e correspondentes às enfermarias, masculina e feminina), surge imponente num patamar de cota superior. Possui um terreiro, em frente à fachada traseira, e um jardim privativo, em frente à fachada principal. Este imóvel é um bom exemplo de que o hospital era, regra geral, o edifício de maior destaque na maioria das roças, quer pelo seu tamanho e nobreza, quer pela sua localização, (no ponto mais alto da roça).

Era composto, ainda, por uma grande e bem abastecida farmácia com medicamentos vindos da metrópole. O hospital estava, também, apetrechado com uma sala de operações e com todos os meios necessários de cirurgia moderna daquela altura.

O jardim existente do lado do alçado principal, devidamente murado, era caracterizado essencialmente por flora tropical que embelezava e dignificava este espaço. Hoje encontra-se muito abandonado, no entanto ainda possui várias árvores próprias dos diversos jardins roceiros.

O Sr. Januário, com mais de 89 anos, é o residente mais idoso da comunidade que habita a antiga Roça Diogo Vaz. Chegou a S. Tomé em 1918 e assistiu às várias mudanças sociais e físicas que se deram ao longo dos tempos.



Fotografias da fachada principal da Roça 2014

2018

Atualmente a Roça Diogo é Vaz uma das roças que se encontra em melhor estado, em relação às restantes, quer quanto à preservação dos edifícios históricos, quer relativamente aos bens naturais, no entanto, nos últimos anos tem-se assistido a uma forte degradação de alguns edifícios, como é o caso do hospital, principalmente na ala que se encontra devoluta.

Conclusão

As ilhas de São Tomé e Príncipe apresentam uma economia exclusivamente baseada nos grandes feitos da agricultura desenvolvida nas roças, tendo o cacau como principal produto e a mais importante fonte de exportação do país.

A Roça Diogo Vaz, é um exemplo notável da arquitetura tradicional das roças e um marco da presença portuguesa em S. Tomé e Príncipe. Mas, mais do que as singularidades e riqueza deste património o impacto e relevância do seu conjunto, como rede que alicerçou um próspero ciclo produtivo, faz dele um marco da identidade cultural e histórica deste país. As companhias agrícolas, além da produção, da beleza e da qualidade, arquitetónica e das infraestruturas que possuíam, provisionavam, ainda, a maioria das necessidades dos seus trabalhadores, não só de habitação e saúde, mas também de educação, alimentação e vestuário.

As roças funcionaram, ainda, como um importante motor de miscigenação racial reforçando, assim, o facto de serem até aos dias de hoje símbolos que marcaram a história deste arquipélago.

No entanto, nos tempos que correm, a capacidade das roças para dinamizar a economia e mobilizar a sociedade é muito reduzida e conseqüentemente as ilhas perderam capacidade de produção interna e as próprias roças espelham hoje a degradação que se sente no estado de conservação dos seus edifícios.

A recuperação da emblemática Roça Diogo Vaz, em particular do edifício construído para funcionar como hospital, enquadrada num programa integrado e sustentável de turismo será certamente do maior interesse para o desenvolvimento futuro de São Tomé e Príncipe.

Bibliografia

PAPE, Duarte; REBELO DE ANDRADE, Rodrigo, As Roças de São Tomé e Príncipe: Tinta da China.

MATTOSO, José, África Mar Vermelho Golfo Pérsico, Património de origem Portuguesa no Mundo: Fundação Calouste Gulbenkian

FERNANDES José Manuel, Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa, Coleção Pensar Arquitectura, Casal de Cambra: Caleidoscópico Edição e Artes Gráficas.

SOUSA, Estêvão Da Gloria Cravid, As Roças face aos desafios de modernização e desenvolvimento de São Tomé e Príncipe: Dissertação.

SILVA, Hugo Machado; FERNANDEZ, Leopoldo, A Roça de São Tomé E Príncipe, Desígnio e Projeto: Artigo científico.